

Simpósio Temático: Percursos profissionais: Arquitetos e Urbanistas, a contribuição para a teoria e a prática no Brasil, 1920-1960

Dois urbanistas no planejamento de Porto Alegre - 1930/1950

Célia Ferraz de Souza

Maria Soares de Almeida

Resumo

Este trabalho discute a presença dos profissionais que influenciaram o urbanismo moderno praticado nas cidades do chamado “Cone Sul” da América do Sul, região que abrange parte meridional do continente e que tiveram reflexos diretos nos planos urbanísticos de Porto Alegre. Na década de 1930 a 1950 os urbanistas nesta região sofreram forte influência do urbanismo europeu e norte americano. Os planos aplicados às cidades capitais e regionais de maior importância na época foram sendo orientados por estas ideias que refletiam a circulação de conceitos e metodologias sobre a cidade e o urbanismo no mundo ocidental naquele período. Dois nomes são destacados neste trabalho.

O do urbanista Arnaldo Gladosch contratado pela municipalidade, em 1938, para realizar o Plano Diretor de Porto Alegre. Formado em Dresden na Alemanha, desenvolveu novas ideias e metodologias de elaboração de planos urbanos. O urbanismo por ele praticado e especialmente sua arquitetura deixaram marcas na paisagem da capital rio-grandense.

Maurício Cravotto, (1893 -1962) uruguaio, nascido em Montevidéu, tornou-se marco cultural da arquitetura e do urbanismo no continente latino-americano no início do século XX, nas décadas de 20 a 50. Obras arquitetônicas importantes foram erguidas sob projetos de Cravotto. O Plano Regulador de Montevidéu (1930) sob sua coordenação é exemplo desta fase. Tratava das metodologias e conceitos diferenciados sobre a cidade e urbanismo.

Em ambos urbanistas encontra-se a associação direta entre a obra arquitetônica e urbanística. Discutir esta dupla face de suas produções está no enfoque central deste trabalho, bem como, a atuação desses personagens e sua significativa influência no urbanismo praticado no sul do continente.

Palavras chaves: Urbanismo, Planos urbanos, Cidade latino-americana

Abstract:

This paper discusses the presence of professionals which have influenced the modern urbanism practiced in cities of the so-called "Southern Cone" of South America, the region which covers the southern part of the continent and that had direct reflections in urban plans of Porto Alegre. In 1930 to 1950 urban in this region have suffered strong influences of urbanism European and North American. Plans applied to capital and regional cities of greater importance at the time were being targeted by these ideas that reflected the movement of concepts and methodologies on city and town planning in the Western world in that period. Two names are highlighted in this work.

Of urbanist Arnaldo Gladosch hired by the municipality, in 1938, to carry out the plan Director de Porto Alegre. Formed in Dresden in Germany, has developed new ideas and methodologies for developing urban plans. Urbanism by he practiced and especially its architecture left marks on the landscape of the capital rio-grandense.

Maurício Cravotto, (1893-1962) Uruguayan, born in Montevideo, became cultural landmark of architecture and Urbanism in Latin America at the beginning of the 20th century, decades of 1920 to 1950. Important architectural masterpieces were erected under Cravotto projects. Regulator plan de Montevideo (1930) under their coordination is an example of this phase. Were differentiated methodologies and concepts over the city and town planning.

In both urbanists is direct association between the urban and architectural masterpiece. Discuss this dual face of their productions is the central focus of this work, as well as, the actions of these characters and their significant influences in urbanism practiced in southern continent.

Key Words: Urbanism, Town planning, Latin-American city

Introdução

Parece um paradoxo tratar de dois urbanistas aparentemente tão discrepantes e tão distantes do objeto de estudo que é Porto Alegre: Arnaldo Gladosch e Mauricio Cravotto. Ambos não são da cidade. O primeiro é brasileiro, de São Paulo, mas teve toda sua formação na Alemanha, e quando voltou ao Brasil, foi

trabalhar junto com Alfred Agache, urbanista francês, no plano que esse havia realizado para o Rio de Janeiro, no final da década de 1930. O segundo é uruguaio, professor e diretor do Instituto de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura do Uruguai, e realizou planos para várias cidades, mesmo fora de seu país.

No entanto, eles têm uma aproximação comum com Porto Alegre. Gladosch foi contratado pelo prefeito Loureiro da Silva, em 1938, para elaborar um Plano Diretor para a cidade. Embora esse não tivesse sido implantado, Gladosch teve a oportunidade de deixar suas idéias e conceitos, bem claros, sobre o urbanismo, nas atas das reuniões do Conselho do Plano. Em 1943, elas foram publicadas, como anexo, no volume “Um Plano de Urbanização”¹, assinado pelo prefeito com a colaboração técnica de Edvaldo Pereira Paiva. Realizou também, vários projetos arquitetônicos que, esses sim, foram realizados, enquanto aqui esteve, deixando sua marca na cidade. Já Cravotto tem outra ligação com a cidade. Ele foi professor de dois dos mais importantes urbanistas de Porto Alegre, nas décadas de 1940 e 1950, Edvaldo Pereira Paiva e Luis Arthur Ubatuba de Faria e acabou exercendo uma enorme influência principalmente sobre os urbanistas municipais. Interessante que foi Gladosch quem sugeriu ao prefeito que enviasse seus técnicos ao exterior para se especializarem. A escolha recaiu sobre o Uruguai e lá o contato com Cravotto, fecha esse círculo de relações.

Gladosch de formação alemã vai trabalhar com Alfred Donat Agache, um dos fundadores da Sociedade Francesa dos arquitetos-urbanistas (SFU) e criador do próprio termo urbanismo e outros conceitos que foram sendo mundialmente reconhecidos.

As idéias divulgadas pelos dois urbanistas nos meios profissionais, acadêmicos e políticos no Rio Grande do Sul convergiram para o desenvolvimento do pensar sobre a cidade e o urbanismo, a partir da década de 1940. Foram ainda, intervenientes na formação de uma geração de profissionais precursores das idéias renovadoras da arquitetura e do urbanismo, e disseminadores dos conceitos que podem ser designados pelo atributo da modernidade.

Cravotto - O arquiteto-urbanista uruguaio

Arquiteto e urbanista Mauricio Cravotto foi um dos mais importantes especialistas de seu tempo e o mais influente arquiteto de uma geração que

¹ SILVA, J.Loureiro da – Um Plano de Urbanização, Porto Alegre: livraria do Globo, 1943

representou a renovação do pensamento sobre a cidade e o urbanismo no sul do continente americano. A ressonância de suas idéias chegou ao sul do Brasil ajudando a moldar as idéias e a formação de urbanistas responsáveis pelos planos e projetos elaborados para a capital do Rio Grande do Sul na década de 1940. Os avanços do conhecimento arquitetônico e urbanístico, teórico e metodológico que se desenvolvia na Europa e nos Estados Unidos a partir dos anos de 1920, foram incorporados no pensamento de Cravotto após a sua formação no exterior. A consciência das novas idéias e das mudanças estéticas e tecnológicas em curso no mundo desenvolvido, levou-o a projetar uma obra marcada por uma produção renovadora, inserida nos avanços do modernismo, liderando toda uma nova geração de especialistas uruguaios. Esta visão renovadora se estendeu para além das fronteiras do país chegando a Porto Alegre através da formação acadêmica de urbanistas como através de intercâmbio de idéias ao longo das décadas de 1940 e 1950.

A experiência de Cravotto se consolidou após seu contato com o mundo europeu e norte-americano, em viagem de estudos empreendida aos vinte e quatro anos, após ter ganhado com seu projeto "Um palácio para os Congressos Internacionais" o "Grande Premio" da Faculdade de Arquitetura que lhe conferiu o direito a uma bolsa de estudos para, no estrangeiro, completar seus estudos por dois anos em alguma escola de arquitetura. Além disso, teve direito a uma "Bolsa Diplomática", outorgada anualmente ao graduado de maior destaque de toda a universidade o que lhe permitiu completar três anos de viagens ao exterior². Partindo em agosto de 1918, viajou aos Estados Unidos percorrendo o país de costa a costa partindo em seguida para a Inglaterra. Após percorrer a Espanha e Itália, chegou a Paris em julho de 1920.

A mais importante experiência de Cravotto na Europa e que delineou em definitivo sua formação foi esse contato direto com o ambiente acadêmico Frances. Paris, nas duas primeiras décadas do século XX, representava um ambiente em ebulição do pensar e discutir a cidade, com a presença de uma massa crítica, não só de franceses, mas de representantes de várias escolas, como a inglesa e a alemã. Eram mestres e discípulos ali presentes, em atividades acadêmicas, em elaboração de planos e projetos, em debates ou exposições. Cravotto entrou em

² CRAVOTTO, Antonio. Mauricio Cravotto, La formación de su personalidad. In: Monografias ELARQA, Mauricio Cravotto, 1893-1962. Intendencia Municipal de Montevideú. Montevideú: Editorial Dos Puntos, 1995, p. 8-11.

contato com as novas propostas da renovação urbanística, tendo assistido aos cursos de férias que ministravam na Sorbone os professores Schneider, Pöete e Pirro e sessões de desenho com modelo vivo na Grande Chaumière. Em outubro, ingressou no atelier do professor Léon Jaussely realizando o projeto de um teatro popular. Assistiu ao curso teórico de urbanismo do mesmo professor e ao curso teórico prático de teoria da arquitetura a cargo do professor Madeline³.

Além dessas experiências diretas Cravotto teve oportunidade de conviver com toda a efervescência do mundo europeu desse momento. Nomes como o de seu professor Jaussely, membro e diretor da Sociedade Francesa de Urbanismo, colega de Agache e também um dos fundadores da SFU; Marcel Poëte, arquivista e historiador, grande referência nessa época, por seus estudos sobre a história da cidade de Paris. Cravotto, nesse momento, tomava conhecimento também, da existência do Museu Social, instituição que havia sido criada em 1895, a quem, segundo Dubois (1984), se deve a criação do urbanismo na França, sob a égide do pensamento reformista de Frédéric Le Play, do social cristianismo. Le Play aproximou sua associação, a Société d'Economie Sociale, da Société d'Habitations à Bon Marché, do engenheiro Jules Siegfried. Criou a cadeira de Economia Social na Escola Livre de Ciências Políticas e organizou ainda um curso de Economia Social, na Faculdade de Direito de Paris.

Contando com o apoio de Marcel Poëte, o Museu abrigava um grupo de economistas, engenheiros e arquitetos, entre eles Agache, que veio criar, em 1913, a palavra “urbanismo”. Desse grupo, em decorrência de suas discussões, se constituiu a Société Française des Architectes-Urbanistes, ou somente, Société Française des Urbanistes, cuja sigla é conhecida por SFU. Tratava-se, desde então, de um grupo interdisciplinar, reunindo, sob os altos auspícios do Museu Social, quase todos os técnicos franceses que trabalhavam sobre a questão: Agache, Auburtin, Jaussely, Forestier, Bérard, Parenty, Prost, Redont, Hébrard, Risler, Gréber e Eugène Henard, este o primeiro presidente desta sociedade. A partir de então, passava a existir uma entidade que se pretendia internacional e, talvez, pela primeira vez, calcada no binômio arquiteto-urbanista (CALABI, 1997, p. 50). Além do

3 CRAVOTTO, op. cit. p10

formalismo dos traçados urbanos, esses urbanistas já introduziriam a idéia de zoneamento de usos para a elaboração de planos.⁴

A cultura urbanística francesa, convém enfatizar, foi de fato muito relevante nesse período, como demonstraram alguns fatos, que vão desde o surgimento da palavra “urbanismo”, o aparecimento da Lei Cornudet, assim como presença de Patrick Geddes (1854-1932) em Paris, preconizando a necessidade do *civic survey*, que propunha um vasto levantamento urbano, como base para a compreensão da complexidade dos fatores necessários a um projeto de criação ou de recriação urbana. Esse amplo levantamento, é que se constituiria em uma ciência nova, reguladora e educadora para o planejamento urbano (DUBOIS, 1984; GEDDES, 1994).

Esse conjunto de experiências e idéias teve ressonância na formação do jovem arquiteto Cravotto que veio a desenvolver em seu país uma fecunda carreira como arquiteto, urbanista e mestre de gerações de profissionais que com ele conviveram e absorveram sua experiência teórica, metodológica e prática, tanto na área do urbanismo como da arquitetura.

Iniciou sua carreira profissional, participando de concursos, e se dedicando ao ensino. Foi primeiramente, adjunto junto à cátedra do professor Carré, frances formado pela Ecole des Beaux Arts de Paris, encarregado do Curso de Traçados de Cidades e Arquitetura Paisagística e logo depois, titular de um atelier livre de Projetos de Arquitetura. O movimento renovador que já se esboçava na tradicional Escola de Arquitetura uruguaia teve na figura de Cravotto um de seus principais protagonistas.

A ampla experiência profissional de Cravotto no âmbito da arquitetura como do urbanismo que marcaram sua carreira profissional foi ressaltada pela avaliação que dele fez o norte-americano Francis Violich, em 1944. O autor do primeiro livro sobre cidades latino americanas, escreveu sobre a importância dos conhecimentos e da qualidade de estudos realizados pelo mestre uruguaio, destacando a importância do Instituto de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura, dirigido por

4 O Museu Social nasceu de um modesto projeto inicial, com a preocupação de não perder a grande quantidade de documentos referentes às experiências sociais bem sucedidas, organizados e armazenados durante a Exposição Universal, de 1889, no Pavilhão de Economia Social, quando Paris comemorava os 100 anos da Revolução Francesa. Alguns anos mais tarde, seus trabalhos resultaram na elaboração da primeira lei referente aos planos de extensão e ordenação das cidades, elaborada em 1912, aprovada como Lei Conudet, em 1919, e reformada em 1924. Ver em: Souza, C. F. e Almeida, M. S. “Fronteiras intercambiáveis: o urbanismo que veio do Uruguai” In: Gomes, M. A. Filgueiras, (org.). “Urbanismo na América do Sul, circulação de idéias e constituição do campo, 1920-1960”. Salvador: EDUFBA, 2009, pp.175-202.

Cravotto que apresentava trabalho de pesquisa sobre centros urbanos. Sobre o urbanista dizia o autor:

“Por causa do pouco grau de especialização na América Latina um técnico se dedica freqüentemente a diversos tipos de trabalhos. O planejamento e a arquitetura são assim profissões muito próximas e relacionadas na América Latina, e são praticadas freqüentemente pelo mesmo profissional. Os arquitetos e os planejadores formam um grupo cooperativo, visando o benefício mútuo de ambas as profissões. Por exemplo, eu fiquei impressionado com o escala de versatilidade de Mauricio Cravotto, um dos principais planejadores de Montevideú, Uruguai, que tinha completado as plantas detalhadas para o novo edifício da Prefeitura da cidade, agora em construção, o qual tinha obtido o primeiro lugar no concurso para o projeto. Ao mesmo tempo, Cravotto estava trabalhando como um dos quatro consultores no planejamento da cidade Argentina de Mendoza, um estudo muito grande que se compõe de todas as fases – dos aspectos econômicos como do planejamento físico – daquela cidade ocidental de crescimento rápido. No Uruguai, a menor república do continente sul, há proporcionalmente o maior número de tais arquitetos-planejadores. O grupo de Montevideú tem uma compreensão invejável do relacionamento entre arquitetura, planejamento e a arquitetura da paisagem. Esses homens empreendem o planejamento e a arquitetura com a mesma competência”.⁵

Essa observação de Violich permite visualizar a real importância da obra de Cravotto em seu tempo, sendo amplamente reconhecida. Seu posicionamento o encaminhou para um distanciamento, cada vez maior, dos ensinamentos do mestre Carré. Liderou esse processo de renovação e sua obra pode ser situada no contexto do modernismo, como demonstram suas formulações teóricas. Divulgador de teorias atuais de seu tempo era considerado um anarquista aristocrático e sensível.⁶ O Instituto de Urbanismo de Montevideú organizado e dirigido por ele junto a Faculdade de Arquitetura tornou-se um centro divulgador das idéias das vanguardas modernistas que compunham o conjunto de referências divulgadas em seus

⁵ VIOLICH, Francis. “Cities of Latin América. Housing and planning to the south”. New York: Renhold Publishing Corporation, 1944, p. 158, 159

⁶ Como o chamava Demétrio Ribeiro. Apud GUTIERRES, Ramon - Cravotto y la cultura arquitectonica y urbanística em la Latinoamérica de su tiempo. In Cravotto op. Cit. 1995

trabalhos urbanísticos e em seus cursos que projetaram ao exterior o prestígio da instituição.

Na trajetória profissional de Cravotto destacam-se algumas importantes realizações que marcaram suas propostas no campo da arquitetura e do urbanismo. Entre elas o anteprojeto do Plano Regulador de Montevideu (1930). Os conhecimentos adquiridos em sua formação europeia permitiram a introdução de uma nova visão do urbanismo e de ações de operações de renovação, que marcaram o início de um novo olhar sobre a cidade e a valorização das condições essenciais da vida urbana, como afirma Schelotto⁷ Foram desenvolvidas novas metodologias que permitiram, já em 1930, elaborar o novo plano para a capital do país, que previa uma nova cidade de 3 milhões de habitantes. O Plano Regulador tornou-se referência ao planejamento da capital por décadas. Em 1956, foi aprovado o primeiro Plano Diretor para a cidade, de acordo com as idéias sugeridas no plano de 1930.

Outra experiência importante na produção urbanística de Cravotto foi a elaboração de um Plano para a cidade argentina de Mendoza realizado em parceria com uma equipe de arquitetos argentinos liderada por Fermín Bereterbide. Fruto de um concurso convocado em 1940, sua formulação deveria abranger um plano regulador, reformador e de extensão que encaminhasse soluções para a expansão da cidade e de soluções para o problema gerado pela presença de sistema ferroviário em sua área central.

A elaboração de um Pré-Plano incorporava a metodologia adotada, onde faziam parte extensos estudos sobre os mais variados aspectos da realidade urbana local, desde estudos sobre a base econômica da província, aspectos financeiros, habitacionais, físico-territoriais, de paisagem e infra-estrutura urbana. Potencialidades futuras como centro de negócios e turismo, avançadas preocupações de ordem política e regional faziam parte dos estudos oferecidos à comunidade pelo pré-plano elaborado. Essa etapa de levantamentos amplos, foi chamada de Expediente Urbano, que fazia parte da estratégia preparatória para a realização do Plano Regulador que consistia na elaboração final do conjunto de ordenamentos e metas de longo prazo direcionadores do futuro desenvolvimento da cidade. A divulgação e debate público dessas propostas estavam na pauta dos urbanistas que fizeram realizar, em 1942 uma exposição com painéis e maquetes

7 SCHELOTTO, Salvador. In: Monografias ELARQA, op. cit. p.30

divulgando as propostas contidas no novo plano. Foi nessa oportunidade que Cravotto colocou suas idéias doutrinárias e humanísticas ao explicar o seu trabalho, dizendo que o problema urbanístico é, pois, um problema fundamental de adequação, entre os elementos arquitetônicos e os espaços urbanos, onde, “não deve esquecer jamais, que o primeiro componente é o ser humano, a quem se deve estruturar uma habitação coletiva e um equipamento perfeito para seu trabalho e descanso, seu lazer físico e mental, tão adequados e belos que fomentem a superação de sua razão e de sua sensibilidade”⁸.

O plano aprovado e entregue em 15 de novembro de 1942 ao intendente San Martín, não teve sua integral implementação pelos acontecimentos políticos que se seguiram. Em 1943, com a revolução militar e a ascensão do peronismo ao poder, Bereterbide foi afastado da coordenação do plano e os contatos entre as equipes argentinas e uruguaias foram interrompidos.

A produção arquitetônica na obra de Cravotto foi tão significativa quanto a sua contribuição ao urbanismo. De acordo com Andrés Mazzini,: “A busca de uma expressão moderna tem em Cravotto várias vertentes: a necessária vinculação com o passado, a vinculação com a natureza manifesta através do respeito as características do lugar e a base para tudo, um destinatário de seus projetos, o ser humano”.⁹

Nesse contexto, destaca-se a sua obra mais significativa na paisagem de Montevidéu, o Palácio Municipal que bem exemplifica a forma como Cravotto associava a escala arquitetônica e a urbana. Vencedor do concurso nacional em 1929, promovido pela municipalidade, o edifício localizado na Avenida 18 de Julio, no centro da capital, se desenvolve em torre sobre ampla base, obedecendo a um rigor simétrico expressando traços de monumentalidade. De linguagem claramente moderna, contem elementos simbólicos que remetem as origens históricas da formação do município. A figura do David de Miguel Ângelo, em bronze, colocado à frente da fachada principal, é parte dessas referências e remete aos ensinamentos de Camillo Sitte¹⁰.

8 Gutiérrez, Ramón. In: Monografias ELARQA, op. cit. p.20

9 Mazzini, André. “Mauricio Cravotto em sensibilidade de su época”. In.: Monografias ELARQA, Mauricio Cravotto, 1893-1962. Intendencia Municipal de Montevidéu. Montevidéu: Editorial Dos Puntos, 1995, p.44.

10 Sitte afirma que a correlação entre a estatúária e a arquitetura é fundamental para a paisagem urbana, e exemplifica exatamente com o David, de Michelangelo, colocado à frente do Pallazzo Vecchio ou da Signoria, de Florença. Ver Sitte, Camillo – A construção da cidade segundo seus princípios artísticos

Muitas foram as obras arquitetônicas assinadas por Cravotto entre fábricas, edifícios residenciais, residências particulares. Dentre essas se destaca a sua casa-escritório, construída em 1932, já enquadrada dentro da “ortodoxia racionalista do princípio da década de 1930”. A casa foi declarada Monumento Nacional incluindo seu acervo com um material de notável variedade desde desenhos e projetos, até uma excepcional biblioteca e hemeroteca, com as primeiras edições dos pioneiros do Movimento Moderno.¹¹

Arnaldo Gladosch - o arquiteto-urbanista

Gladosch teve uma formação européia, que o credenciava como um urbanista estrangeiro, ainda que tivesse nascido em S. Paulo em 1903. Porém, desde os 11 anos de idade frequentou escolas na Suíça, tendo permanecido na Alemanha, de 1921 a 1926, onde cursou a Universidade Técnica de Dresden, das mais antigas, fundada em 1828.¹²

Os encontros de Gladosch com o universo europeu desse início do século XX revelam o seu contato com as idéias em circulação sobre o urbanismo e a arquitetura nos meios acadêmicos e profissionais do período. O destaque do urbanismo praticado na Alemanha do entre-guerras foi certamente o nome de Joseph Stübben (1845-1936) autor da enciclopédia *Der Städtebau* e integrante das equipes inglesas que incluíam nomes como Geddes, Howard e Burnham, além de frequentar os encontros do Museu Social e da sociedade dos urbanistas franceses, onde chegou a fazer uma conferência que compara a construção das cidades na Alemanha e na França.¹³ Porém, certamente o contato mais importante para as idéias e metodologias desenvolvidas pelo urbanista em seus trabalhos profissionais, especialmente para os planos traçados para Porto Alegre, surgiram de seu contato com a urbanística francesa e com a produção da “Société Française des Urbanistes”, através de seu trabalho junto à equipe liderada pelo urbanista francês, um dos fundadores da SFU, Alfred Donat Agache para o Plano da Cidade do Rio de Janeiro, em 1927.¹⁴

11 Gutiérrez, Ramón. “Os arquivos de arquitetura no contexto latino-americano” Cedolat, janeiro, 2001.

12 Canez, A. P. “Arnaldo Gladosch, o edifício e a metrópole”. Porto Alegre: UniRitter, 2008.p.65

13 DUBOY, Philippe- Vinght ans d’Urbanisme Appliqué in GRENIER, Lise (org) – Villes d’Eaux en France, Paris, editions Fernand Hazan, 1984. p.48

14 Canez,2008, op. Cit. p. 85.

Agache para elaboração do Plano do Rio de Janeiro contou com três colaboradores: E. Gröer, Arquiteto-Urbanista, W. Palanchon, arquiteto-diplomado e A. Duffieux, engenheiro-sanitário. Gröer, foi responsável pelo Plano de Lisboa de 1938, substituindo Agache que se encontrava no Brasil, no período da 2ª. Guerra Mundial. E foi ele o responsável pela indicação do colega Gladosch, na equipe do Rio. A justificativa da participação de Gladosch junto à equipe de Agache na elaboração do Plano para a cidade do Rio de Janeiro se deu por sua participação no concurso Internacional para a Construção do Porto de Barcelona, obtendo o 4º lugar entre 56 concorrentes. Essas credenciais foram exaltadas pelo Prefeito de Porto Alegre, na justificativa do acerto da contratação, pelo seu alto custo aos cofres do município.¹⁵ Gladosch enfrentou resistência no Rio de Janeiro, para sua contratação, pelos arquitetos locais, por ser ele, segundo afirmavam, estrangeiro. Apesar de mostrar que teria nascido no Brasil, a rejeição continuou até que a municipalidade enfrentou os fatos, dizendo que além de possuir uma larga experiência era um “arquiteto consagrado”¹⁶. Essa situação se repetirá em Porto Alegre. No Plano de Agache ficou responsável pelas áreas industriais, segundo a autora.

A idéia do Urbanismo como ciência e como arte, presente no discurso de Agache, era repetida por Gladosch em suas falas junto ao Conselho do Plano Diretor de Porto Alegre. Preconizava uma legislação social tendo em vista a melhoria de condições de moradia para as classes médias e operárias. Nos estudos para o estabelecimento do zoneamento, expunha didaticamente seus princípios: determinar e localizar os diversos grupamentos de atividades similares, considerando como tais, àquelas que necessitavam de idênticas condições preliminares e facilidades; criar zonas mistas para acomodar situações intermediárias entre uma zona e outra evitando os rigores de uma legislação coercitiva. E acrescentava:

”O zoneamento não consiste na classificação absoluta e concreta das atividades exercidas pela população de uma cidade e na delimitação rígida de zonas para cada uma delas. [...] Deve, assim, o poder público estabelecer dispositivos que aplicados criteriosamente a cada caso ocorrente, propiciem a localização das atividades humanas nas zonas que lhe são adequadas,

15 Silva, José Loureiro da. 1943. op. cit. pp. 215-218. No contrato assinado com o urbanista a Prefeitura comprometia-se a pagar um total de 450 contos de reis (450:000\$000,) dividido em dez parcelas distribuídas ao longo de 38 meses, prazo este previsto para a conclusão dos trabalhos. Segundo Rovatti, o valor do salário pago a Paiva, neste mesmo ano, era de 18 contos de réis. In: Rovatti, J. 2001 op. cit. p. 58.

16 Canez, op. Cit. p.157

*vedando, por outro lado, que elas se localizem nas que não lhes são favoráveis e orientando, ao mesmo tempo, a expansão de cada zona no sentido oposto às outras, a fim de que, entre uma e outra, se estabeleça uma transição suave e conveniente, sem mutações bruscas e sem que, na sua ligação, a diversidade flagrante delas faça sentir onde uma termina e onde a outra começa*¹⁷.

A busca de um especialista de fora da cidade de Porto Alegre para elaborar um novo Plano Diretor para a cidade, alcançou o nome de Arnaldo Gladosch, *um perito em urbanismo, da Capital Federal, conhecido por sua atuação durante a confecção do Plano Agache*, como afirmava o prefeito Loureiro da Silva, em seu relatório de 1943, justificando sua escolha.¹⁸ Essa iniciativa foi adotada por sugestão da área técnica. O diretor de Obras e Viação, o engenheiro Paulo de Aragão Bozzano, sugeriu-lhe a escolha de um técnico “estrangeiro” para este tipo de trabalho.¹⁹

Loureiro da Silva, administrador de Porto Alegre de 1937 a 1943, desde o início de seu mandato, pregava a necessidade de elaboração de um Plano Diretor para a cidade, que estabelecesse as diretrizes e direcionasse o crescimento da cidade em seu conjunto. Durante seu mandato envolveu-se pessoalmente no debate desenvolvido pelo corpo técnico local. No final de seu mandato foi publicado o livro *Um Plano de Urbanização*, contendo o registro das obras realizadas, das ações empreendidas, das fontes de recursos financeiros para a execução do Plano Diretor, da área jurídica – proposição de legislação, assessoria em apoio à implementação das obras, como a lei de desapropriações proposta ao Governo Federal e a área técnica. Constaram, também do volume, nove atas do Conselho do Plano Diretor, cujo conteúdo revelava a predominância da voz do urbanista, Arnaldo Gladosch como expositor de suas idéias e divulgador de suas proposições. Os planos traçados por Gladosch fizeram parte dessa publicação e são hoje o seu mais importante registro, já que não mais foram localizados nos arquivos da Prefeitura

17 Silva, José Loureiro da. 1943, op. cit. p. 162.

18 Silva, José Loureiro da. 1943. op. cit., p. 17.

19 Essa idéia tinha sido expressa já, em 1933, pelo engenheiro Ubatuba de Faria em palestra na Sociedade de Engenharia, quando afirmava que “a elaboração de um plano diretor e uma operação difícil e complexa e deve ser confiada a um urbanista de capacidade reconhecida”. Faria, Luiz Arthur Ubatuba. *Cadastro e Urbanismo*. Porto Alegre: Boletim da Sociedade de Engenharia do RGS, janeiro 1934, pp.32-41. Citado também em: Rovatti, J. F. 2001, op. cit. p. 58.

Municipal seus desenhos originais.²⁰ Loureiro aparece como autor desse volume, tendo como colaborador o urbanista Edvaldo Pereira Paiva.

A iniciativa do prefeito de criação do *Conselho do Plano Diretor*, órgão ligado diretamente ao seu gabinete, mas não integrante da estrutura administrativa municipal, permitiu que se constituísse um fórum privilegiado de debates sobre os problemas da cidade e um palco para a divulgação do *Plano Gladosch* como ficou conhecido o trabalho desenvolvido pelo urbanista. Na primeira reunião do Conselho do Plano Diretor, realizada em 3 de março de 1939, e presidida pelo Prefeito José Loureiro da Silva, o urbanista foi apresentado com comentários sobre sua capacidade profissional.

O Plano Gladosch era entendido como um “*plano regulador*” onde estariam fixadas as “*linhas mestras*” que conteriam a distribuição de espaços viários, as grandes radiais e perimetrais, espaços verdes, vias férreas, portos, sistemas de transporte, saneamento, parte educacional e desportista, enfim tudo o que integra o conglomerado social, no dizer do prefeito. Aparecia também, a questão do parcelamento do solo e o zoneamento de bairros como uma das primeiras referências à técnica da especialização setorial de funções e atividades, parte da concepção de Plano Diretor. O conteúdo das idéias sobre a cidade e o urbanismo expressas por Gladosch eram assim referidos:

*“A palavra urbanismo [...] é um termo técnico do domínio da ciência, que se ocupa com a conformação do espaço e com a economia dos núcleos de acumulação de habitações e, assim, não tem uma afinidade com a noção político-comunal das regras urbanas a que está sujeita a cidade”.*²¹

Um plano regulador era entendido como abrangente, devendo considerar, além das questões do tráfego e do *embelezamento da fisionomia urbana*, as equações econômicas, sanitárias e sociais. Mas, reconhecia-se que os problemas de viação urbana eram os mais agudos, dentre todos, objetivo principal de um plano regulador.

20 Esses desenhos originais foram produzidos por Gladosch em seu escritório no Rio de Janeiro. Estas plantas constaram sempre de suas exposições ao Conselho do Plano Diretor. Não há registro das mesmas no Arquivo Histórico do Município depositário de mais de sete mil documentos gráficos sobre planos, projetos, estudos, gráficos produzidos pela administração municipal desde as primeiras décadas do século XX.

21 Assim fala o urbanista Arnaldo Gladosch na 4ª reunião do Conselho do Plano Diretor, em 23 de agosto de 1939. Ver em: Silva, José Loureiro da. 1943. op. cit., p.148.

Quatro foram os estudos elaborados por Gladosch. Normas gerais, constantes de uma planta que incluía as áreas de expansão da cidade, um estudo para o núcleo central, um anteprojeto do Plano Diretor, e um quarto estudo denominado de Preplano detalhando a reforma viária nas zonas próximas ao centro urbano. O primeiro produto apresentado após um ano de trabalho pela equipe comandada por Gladosch se constituiu num anteprojeto, um primeiro “croquis”, denominado “*planta demonstrativa de normas ideais e bases gerais para a organização de um Plano Diretor e de Expansão para a cidade de Porto Alegre*”, seguido de dois outros desenhos.

O segundo estudo abrangia a área central de cidade, propondo a ligação a seco para a travessia do rio Guaíba, projeto de novos aterros, reforço do sistema de vias de ligação entre as vias radiais, à semelhança de um perímetro de irradiação, já proposto pelos estudos de Faria e Paiva, de 1938. Por fim, apresentava um anteprojeto, na escala 1:5.000, abrangendo a parte mais densificada da capital e estendendo a proposição aos bairros São João e Navegantes, ao norte, que já concentravam as instalações industriais mais importantes e a habitação operária.²² Ainda, foram elaborados pelo urbanista estudos para áreas especiais da cidade com a Planta do futuro Hipódromo no bairro Cristal, o projeto de um bairro residencial no aterro do bairro Praia de Belas e propostas de projeto do Centro Cívico da capital, na praça onde já se localizavam os principais edifícios administrativos e culturais da cidade, Palácio do Governo, Catedral Metropolitana, teatro São Pedro.

A marca de sua produção arquitetônica, que pode ser considerada como pré modernista, como a do mestre Cravotto, em Porto Alegre, exemplifica essa compreensão. A sua arquitetura deixou muitas marcas na cidade. Mas, a mais significativa é o edifício até hoje conhecido como Sulacap, Localizado no quarteirão entre as avenidas Salgado Filho, Borges de Medeiros e a rua Dos Andradas foi projetado por Gladosch nos tempos de sua permanência em Porto Alegre. Para sua implantação foi proposto um reloteamento do quarteirão onde se assentaria o edifício, o que permitiu a previsão de uma galeria interna e a ocupação continua dos lotes redesenhados. O edifício é ainda hoje um marco na área central da cidade.

²² Esses documentos gráficos constam do volume publicado, em 1964, do Plano Diretor de Porto Alegre, editado pela Prefeitura Municipal no item *Esboço Histórico da Evolução de Porto Alegre e das tentativas de sua Planificação*. Os originais desses desenhos não constam de nenhum dos arquivos da Prefeitura Municipal tendo sido provavelmente destruídos. Ver em: Porto Alegre, Plano Diretor – 1954-1964. Porto Alegre: Edição da Prefeitura Municipal, , 1964. p. 20/22. Ver também em Silva, José Loureiro da. 1943. op. cit. p. 33, figs. nº 24 e 25.

Ao examinar a produção de Arnaldo Gladosch nesses anos em que permaneceu em Porto Alegre e o conjunto de sua obra, como o fez Canez, volta-se a fala de Violisch quando o autor se refere ao pouco grau de especialização dos técnicos na América Latina e sua versatilidade. A alta compreensão do relacionamento entre planejamento e arquitetura se repete na obra de Gladosch.

Considerações Finais

Pode-se afirmar que as ressonâncias das idéias geradas no mundo europeu chagam a Porto Alegre por diferentes caminhos, porém conduzidos por um único vetor de idéias. Assim, o urbanismo em Porto Alegre, no período de 1940 a 1950, está associado aquele proposto pela Société Française des Urbanistes- SFU.

O enfoque das trajetórias de forma  o e vida profissional de Cravotto e Gladosch permite ampliar o conhecimento do percurso que essas idéias, sobre a cidade e o urbanismo, traçaram no sul do Brasil, e sua repercussão na elabora  o de planos e projetos aplicados no contexto urbano de Porto Alegre, no início da década de 1940. Ainda que situados em universos distintos e com distanciamento de contextos de vida e experiência profissional, esses personagens estiveram próximos no tempo e no espaço. Direta ou indiretamente, interferiram no processo de transforma  o da capital do Rio Grande do Sul. Pode-se afirmar que as ressonâncias das muitas idéias geradas no mundo europeu aqui chagaram por trabalho desenvolvido pelos dois personagens.

Mauricio Cravotto (1893-1962), de descendência italiana, de forma  o humanista, professor e líder da vanguarda de arquitetos e urbanistas uruguaios, conhecedor da experiência norte-americana e européia no campo da arquitetura e do urbanismo de seu tempo, foi o mestre de Edvaldo Paiva, um dos mais importantes nomes do urbanismo de Porto Alegre, das décadas de 1930 a 1950. Cravotto manteve intenso intercâmbio com Porto Alegre na década de 1940, vindo a participar de debates e ministrar palestras, como pode ser visto pelo registro de sua presença no seminário de Grandes Composi  o  es, ocorrido em julho de 1948, junto à primeira turma de arquitetos e estudantes do Curso de Arquitetura, do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Nesse evento participaram o arquiteto Demétrio Ribeiro e o engenheiro Arthur Ubatuba de Faria. O primeiro, um dos mais importantes nomes da arquitetura e do urbanismo do Rio Grande do Sul, teve sua forma  o acadêmica no Uruguai, conhecedor profundo do pensamento e da obra de Cravotto. Faria, integrante da Prefeitura de Porto Alegre desde o final da década de

1920, compondo com Paiva a liderança no desenvolvimento das idéias e dos planos para a capital, também manteve contato com Cravotto, tendo por várias vezes o seu nome ligado ao Instituto de Urbanismo de Montevidéu.

Arnaldo Gladosch (1903-1954), brasileiro, de descendência alemã, viveu desde os onze anos na Europa, formado na Escola Superior Técnica da Saxônia, em Dresden, foi o urbanista contratado em 1938, pela Prefeitura de Porto Alegre para a elaboração de um plano para a cidade, depois de ter participado do plano do Rio de Janeiro, sob coordenação de Agache. Foi por sua recomendação que o prefeito Loureiro da Silva designou Paiva para aperfeiçoar sua formação no exterior, com vistas a dar continuidade à elaboração do plano, após sua retirada da cena local. A escolha recaiu sobre a Faculdade de Arquitetura de Montevidéu, onde o Instituto de Urbanismo do qual Cravotto foi o idealizador e diretor, entre os anos de 1936 e 1952. Nessa época o Instituto já representava um dos núcleos de estudos urbanísticos mais avançados da América Latina.

Por esses caminhos cruzados chegaram a Porto Alegre, no início da década de 1940, as ressonâncias das idéias mais avançadas das vanguardas do campo da arquitetura e do urbanismo do mundo desenvolvido. Mauricio Cravotto, em sua passagem pela Europa manteve contato direto com a Société Française des Urbanistes, e com todas as idéias em desenvolvimento no período reveladas através de sua produção e trajetória profissional. Gladosch, aprofunda essas mesmas idéias, através de seu trabalho junto à equipe de Alfred Agache, quando de sua participação no Plano para a cidade do Rio de Janeiro.

A forte ressonância do urbanismo praticado por Agache na obra de Gladosch fica evidente quando avaliada suas propostas contidas nas imagens reveladas nos estudos urbanísticos para Porto Alegre e nas suas exposições orais junto ao Conselho do Plano Diretor.

Ainda que os planos traçados por Gladosch não tenham sido implantados muito de sua passagem por Porto Alegre, pode ser lida na sua obra arquitetônica. A inserção do edifício Sulacap, no quarteirão da Avenida Borges de Medeiros, realizado após o remembramento dos lotes, conforme visto acima, remete a arquitetura do Palácio Municipal de Montevidéu uma das mais significativas obras arquitetônicas de Cravotto. As escalas urbana e edilícia são reunidas formando um conjunto destacado para a cidade. Avançando nesta direção novas interpretações, que não cabem no âmbito deste trabalho, certamente revelariam outras

semelhanças compositivas, como a adoção de passagens internas com o rompimento do quarteirão e integração entre as vias adjacentes.

O urbanismo praticado em Porto Alegre se beneficiou de todas estas experiências e do circular das idéias que aqui chegaram através do discurso e da prática profissional desses personagens. Paiva, o principal protagonista do urbanismo praticado em Porto Alegre nessas décadas, aluno e seguidor de Cravotto e também colaborador de Gladosch na Prefeitura, foi o principal responsável por dar eco a todas essas idéias. Paiva legou à cidade um significativo conjunto de textos, que as abrigaram, dando respaldo a suas proposições metodológicas, conceituais, planos e projetos, que atingiu toda uma geração de arquitetos e urbanistas, no Rio Grande do Sul, seja através da Prefeitura, seja através do Curso de Urbanismo fundado no Instituto de Belas Artes, em 1948, do qual era professor.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M.S- Transformações Urbanas- Atos, normas, decretos leis na administração da cidade São Paulo, Tese de Doutorado FAU USP 2004

CANEZ, A. P.- “Arnaldo Gladosch, o edifício e a metrópole”. Porto Alegre: UniRitter, 2008.p.65

CRAVOTTO, Antonio. Mauricio Cravotto, La formación de su personalidad. In: Monografias ELARQA, Mauricio Cravotto, 1893-1962. Intendencia Municipal de Montevideú. Montevideú: Editorial Dos Puntos, 1995, p. 8-11.

DUBOY, Philipe- Vinght ans d’Urbanisme Appliqué in GRENIER, Lise (org) – Villes d’Eaux en France, Paris, editions Fernand Hazan, 1984. p.48

GUTIÉRREZ, Ramón. “Os arquivos de arquitetura no contexto latino-americano” Cedolat, janeiro, 2001.

GUTIÉRREZ, Ramón.- Cravotto y la Cultura Arquitectonica y Urbanística en la Latinoamerica de su Tiempo - In: Monografias ELARQA, op. cit. p.20

MAZZINI, André. “Mauricio Cravotto em la sensibilidad de su época”. In:: Monografias ELARQA, Mauricio Cravotto, 1893-1962. Intendencia Municipal de Montevideú. Montevideú: Editorial Dos Puntos, 1995, p.44.

SCHELOTTO, Salvador –El anteproyecto de plan regulador de Montevideo. In: Monografias ELARQA, op. cit. p.30

SILVA, J.Loureiro da – Um Plano de Urbanização, Porto Alegre: liv. do Globo, 1943

SITTE, Camillo – A construção da cidade segundo seus princípios artísticos, São Paulo, Ed. Atica. 1997.

SOUZA, CF & ALMEIDA, M.S.- Fronteiras Intercambiáveis: O Urbanismo que veio do Uruguai, in GOMES, M.A.F.(org.)- *Urbanismo na América di Sul, circulação de Idéias e constituição de campo*-Salvador, EDUFBA 2009

VIOLICH, Francis. “Cities of Latin América. Housing and planning to the south”. New York: Renhold Publishing Corporation, 1944, p. 158, 159

